

O ensino de Geografia no campo: uma análise da experiência do estágio realizado Escola Terezinha de Jesus Rocha / Goiás-GO

Tobias Bueno¹
tobiasbueno@hotmail.com.br

Janiel Divino de Souza²
dedelsolza@hotmail.com

Alexsander Batista e Silva³
lexgeo10@gmail.com

Resumo

Ao final de 1980 um intenso processo de luta pela terra fez com que surgisse no município de Goiás-GO uma grande demanda por locais que fossem destinados ao processo ensino-aprendizagem. Em 1990, um processo de reestruturação da educação escolar desencadeou a construção no município 4 escolas do campo, entre elas a Escola Terezinha de Jesus Rocha. Ao longo do ano de 2012, pela disciplina de Estágio Supervisionado I do 3º do Curso de Geografia (UEG/UnU de Goiás-GO), estivemos trabalhando na Escola Terezinha, onde buscamos desenvolver as atividades do estágio via um Projeto de Intervenção Pedagógico. No qual nossa preocupação foi pensar os elementos teórico-metodológicos do ensino de Geografia de maneira a contemplar a Educação do Campo. Nesta perspectiva, objetivamos aqui, relatar e analisar as experiências vividas em sala de aula durante o estágio. Metodologicamente, utilizamos informações coletadas *in loco* durante a realização do estágio; assim como um estudo sobre a educação do campo, utilizando para isto, análise de fontes secundárias. Durante a realização do estágio, percebemos o quão carente de conteúdos que aproximam-se da realidade dos alunos. Os conteúdos das aulas de Geografia são balizados quase que única e exclusivamente pelo livro didático, distribuído pelo Governo Federal. Tais conteúdos são elaborados, majoritariamente, para escolas urbanas e da região Sudeste do país, o que dificulta o ensino de Geografia no restante do país, por não se respeitar as especificidades de cada lugar ou de cada região. A realização do estágio foi significativa também para evidenciar a luta travada diariamente pelos funcionários e alunos da escola para a manterem em funcionamento. A escola contava com um parco apoio da gestão municipal e, após as disputas políticas, o apoio se tornou inexistente, o que quase gerou o fechamento da escola. Por alguns dias não houve transporte escolar e, atualmente, o transporte funciona de forma irregular. Pudemos perceber, enfim, que as Escolas do Campo no Brasil padecem de conteúdos e de políticas públicas que mantenham os alunos próximos às suas realidades, próximos ao seu lugar de origem. Quando estas escolas se encontram fragilizadas, o ensino é fragilizado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Estágio Supervisionado, Educação do Campo, Goiás-GO.

¹ Acadêmico do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás / UnU de Goiás.

² Acadêmico do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás / UnU de Goiás.

³ Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás / UnU de Goiás e Doutorando pelo Programa de Pesquisa e Pós-graduação do IESA-UFG.

Introdução

O município de Goiás-GO vivenciou, em meados dos anos de 1980 um intenso processo de luta pela terra que, sob a vanguarda da Igreja Católica culminou com a criação de 22 assentamentos rurais. Este fato aumentou o contingente populacional do campo e, fez com que surgisse no município uma significativa demanda de escolas que fossem destinadas à atender as famílias assentadas. A partir de então surgiram, gradativamente, espaços dedicados ao processo de ensino-aprendizagem no campo, os quais funcionavam de modo multisseriado, sendo, na maioria dos casos, coordenado por uma pessoa do assentamento que tivesse maior nível de conhecimento e onde, mesmo com inúmeras dificuldades, se dava o ensino.

Contudo, no final da década de 1990, houve um processo de reestruturação desses espaços de ensino-aprendizagem no campo. O que fez com que fossem construídas quatro escolas polo, de caráter municipal, sendo elas: Escola Municipal Olimpya Angélica de Lima; Escola Municipal Holanda; Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha; e Escola Municipal Vale do Amanhecer. (ESCOLA TEREZINHA DE JESUS ROCHA⁴)

A partir do ano de 2011, foi estabelecida uma relação entre o Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo, da UEG/UnU Goiás, sob coordenação do Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza, e as Escolas do Campo do município de Goiás-GO. Mediante este contato com a realidade da Educação do Campo, as Escolas do Campo do município e, sobretudo, a Escola Terezinha de Jesus Rocha, optamos por realizar o Estágio Supervisionado I na escola citada. Neste sentido, ao longo do ano de 2012, elaborou-se um Projeto de Intervenção Pedagógico que norteou as atividades na escola. E como um dos resultados do estágio, que diga-se de passagem faz parte do processo avaliativo da disciplina, foi elaborado um texto em formato de artigo científico acerca das experiências didático-pedagógicas na escola campo. Esse texto constitui-se na base sob a qual elaboramos o presente artigo.

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir o processo de vivência na sala de aula a partir da Escola Terezinha. Em termos mais específicos pretendemos revelar as carências estruturais existentes naquela escola; expor a falta de conteúdos didáticos que aproxime os alunos de sua realidade; e denunciar o descaso político que aconteceu e acontece nas escolas do campo do país. Metodologicamente utilizamos as informações

⁴ Periodização histórica recolhida através de diálogos com pessoas da Escola Terezinha de Jesus Rocha.

coletadas *in loco* durante a realização do estágio; assim como uma revisão bibliográfica acerca da educação do campo, utilizando para isto, fontes secundárias.

A Escola Terezinha

A Escola Terezinha, como já anteriormente mencionado, foi uma das 4 escolas, que ao final da década de 1990 participaram de um processo de reestruturação na educação. Fato esse, que aparentemente provocou o início dos debates a respeito da Educação do Campo no município de Goiás-GO.

Estruturalmente, a escola conta com um prédio dividido em 3 pavilhões, que totalizam 9 salas de aula, que receberam, no início do ano de 2012, 108 alunos, distribuídos entre do 1º ao 9º ano.

A área total da escola, de acordo com as informações coletadas e observadas *in loco*, é de aproximadamente 250m², sendo 150m² de área construída. A área interna da escola, para além da parte construída, conta com uma árvore típica do Cerrado, segundo informações, uma gameleira. Esta árvore provém sombra para o intervalo e também para algumas aulas que são realizadas debaixo dela, quando o calor dentro da sala torna a aula inviável.

A escola apresenta visíveis problemas quanto a estrutura física. Dentre eles, o que mais salta aos olhos é a ausência de um espaço adequado (quadra poliesportiva) para realização de atividades esportivas e culturais. As atividades físicas são realizadas no entorno da escola. Um local com poucas árvores e quase nenhuma sombra, contudo, necessário para a alegria daqueles que estão acostumados com as privações que este sistema capitalista oferece. Há também uma antiga venda ao lado da escola, que mantém uma área coberta servindo de lugar para brincadeiras no horário do intervalo e também antes do início das aulas.

As salas de aula, por sua vez, possuem cadeiras e carteiras em qualidade insatisfatórias. Algumas carteiras estão bastante enferrujadas e algumas cadeiras não tem o assento preso à estrutura metálica, podendo se tornar muito perigosa para os alunos. Nessas condições, muitas vezes os estudantes acabam ficando acomodados de maneira indevida na sala de aula. As dimensões das salas também são totalmente inadequadas, enquanto espaço de ensino-aprendizagem. São locais apertados e quentes, que possuem uma parca ventilação. Os ventiladores existentes cumprem o papel apenas de fazer circular o ar quente que se forma

dentro da sala. Nas turmas do 6º e do 7º ano, onde o número de alunos é significativamente maior, em comparação com as demais turmas, o calor e a proximidade dos alunos torna o ambiente ainda mais difícil para lecionar e, conseqüentemente, aprender.

Os outros ambientes da escola, como diretoria, secretaria, banheiros, cozinha, biblioteca, são locais muito pequenos (como poderá ser visto na figura 1) e muitas vezes um ambiente que se torna dois, como é o caso da secretaria, que também é sala dos professores e deveria ser a sala de informática, caso os computadores funcionassem e da diretoria, que por sua vez, funciona como sala de coordenação.

Figura 1



Corredor da Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha. Na foto verifica-se cozinha, banheiros, diretoria/coordenação e ao fundo sala de aula do 6º ano.

Fonte: Atividade do Estágio Supervisionado I / jun. 2012

Autor: Tobias Bueno

A biblioteca existente na escola conta com um acervo razoável de livros. Há livros muito bons e a bibliotecária é uma pessoa extremamente preocupada com a leitura dos alunos e, por isso, indica livros para os alunos e controla as leituras. Entretanto, utilizar a biblioteca enquanto espaço de estudo, é uma tarefa limitada a quatro pessoas, uma vez que há uma mesa e seis cadeiras, ocupando a maior parte da sala, o que revela o tamanho insatisfatório da biblioteca.

A cozinha conta com apenas duas funcionárias, que são obrigadas a cozinhar em escala industrial, em um local cujo tamanho é insuficiente e com os equipamentos antigos e em condições precárias. O fogão, por exemplo, está em processo de ferruginação, assim como alguns outros materiais metálicos ali encontrados. Os pratos, de material plástico, ao longo do tempo passam a ficar encardidos, dando aspecto de sujo, o mesmo vale para os talheres.

Mesmo sendo lavados após as refeições, os pratos e talheres plásticos acabam encardindo. Os pratos e talheres são lavados pelas duas funcionárias da cozinha, que além de cozinheiras, são também responsáveis pela limpeza da escola.

Figura 2



Cozinha da Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha.
Fonte: Atividade do Estágio Supervisionado I / jun. 2012
Autor: Janiel Divino de Souza

A escola conta ainda com quatro banheiros, sendo dois destinados aos alunos e dois destinados aos professores e funcionários. A limpeza é realizada diariamente pelas duas funcionárias, contudo, os banheiros não tem uma qualidade estrutural e ainda funciona (ao menos o banheiro masculino dos alunos) como um depósito, o que dificulta sua higienização.

Verificamos, portanto, neste breve diagnóstico que a Escola Terezinha dispõe de espaços e mobiliários/equipamentos inadequados para o desenvolvimento efetivo e a contento do processo de ensino-aprendizagem. Existem inúmeros problemas estruturais que acabam dificultando todo e qualquer processo educacional. No entanto, é importante destacar que a despeito de todos os problemas acima citados, os funcionários da unidade escolar são dedicados e comprometidos com a educação, com a transformação social. Nesse cenário a escola vem lutando para se manter viva.

A Escola Terezinha enquanto local de resistência

As dificuldades estruturais encontradas na Escola Terezinha, como foram apresentadas na seção anterior, não vem se configurando como um empecilho intransponível no

processo educacional, tanto para os alunos, quanto para os professores. As dificuldades não existem apenas na estrutura predial, mas também no transporte dos alunos, que vêm dos assentamentos e sítios da região da escola; no transporte dos professores que se deslocam da área urbana de Goiás-GO, etc. O tempo gasto pelos professores de suas casas até a escola é de aproximadamente 1 hora. Contudo, o tempo gasto pelo aluno do assentamento mais distante até a escola é de 1 hora e meia até 2 horas, dependendo das condições da estrada. Isso desconsiderando os dias em que é impossível chegar à escola, como acontece no período das chuvas.

O transporte dos professores, no início do ano de 2012, era feito através de um micro-ônibus, que encontrava-se em baixo estado de conservação, mas que fazia o transporte sem maiores problemas. Este micro-ônibus chegava à escola sempre lotado, devido ao fato de que transportava também os alunos que moravam/moram no percurso entre a área urbana de Goiás e a escola, como pode ser visto na figura 3.

Entretanto, devido a problemas entre a prefeitura e a empresa contratada para fazer o transporte escolar, o transporte dos professores passou a ser feito através de uma *Kombi*, que otimizou o tempo e o conforto neste percurso desgastante, mas que inviabilizou a carona cedida aos alunos.

Figura 3



Transporte escolar de alunos e professores da Escola Terezinha de Jesus Rocha

Fonte: Atividade do Estágio Supervisionado I / maio. 2012

Autor: Janiel Divino de Souza

Em verdade, a substituição do micro-ônibus por uma *Kombi* se deu pelas disputas políticas do município. Em outras palavras, após o pleito eleitoral, o então prefeito Márcio Caiado deixou de realizar os pagamentos às empresas contratadas para fazer o transporte escolar, entre outras empresas que prestavam serviço ao município, assim como grande parte dos funcionários públicos municipais. Este fato fez com que a Escola Terezinha tivesse o transporte escolar prejudicado, tanto dos professores da área urbana, quanto dos alunos das áreas rurais, por aproximadamente vinte dias, o que fez com que nesse período não houvesse aula. Após diversas manifestações ocorridas na porta da prefeitura, alguns serviços voltaram a funcionar. O transporte dos professores para a Escola Terezinha passou então a ser feito por esta *Kombi*. Entretanto, o transporte dos alunos nas áreas rurais continuou prejudicado e a partir do mês de outubro de 2012, os alunos da Escola Terezinha diminuiu significativamente, devido aos problemas com transporte⁵.

Entretanto, cabe ressaltar, que a Escola Terezinha se configura em um local de resistência, porque mesmo com as inúmeras dificuldades apresentadas, nem professores, nem alunos, deixaram de cumprir com seus compromissos, perante a vontade de mudar a realidade imposta.

Os professores, com as mínimas condições, labutam para promover a educação escolar, mesmo quando se deparam com a ausência de materiais didáticos de qualidade, que promovam uma educação voltada para o campo. Os alunos, por sua vez, se veem estudando determinados assuntos que estão longe de sua realidade, de seu contexto, o que acaba diminuindo significativamente o interesse pelos conteúdos apresentados.

No âmbito de promover uma intervenção, que cumprisse com os pressupostos teórico-metodológicos da Educação do Campo, apresentamos nosso projeto de estágio à escola e, tentamos, desta forma, auxiliar o professor nesta luta em prol de uma educação contra-hegemônica e participamos, ao longo do ano de 2012, do processo mais intenso de resistência daquela escola. A saber, as disputas políticas⁶ do município, como brevemente mencionado anteriormente.

⁵ Constatações realizadas mediante diálogos com professores e funcionários públicos municipais.

⁶ As disputas políticas ocorridas no município prejudicaram o processo ensino-aprendizagem na Escola Terezinha, devido ao fato de que a escola ficou vários dias sem aula e até mesmo correu o risco de ser fechada no final do segundo semestre de 2012.

As escolas do campo existentes no país, estão, majoritariamente, nas mãos dos governantes municipais, que fazem delas aquilo que pensam, e sem o menor respeito aos profissionais da educação e aos alunos que dela dependem. Como nos mostra Arroyo (2005, p.1)

É no campo que se fecham escolas quando se mudam os dirigentes dos governos municipais, se fecham impunemente escolas, ou se levam os meninos de um lado para outro, ou seja, não há um sistema, não há ainda algo a ser respeitado, algo que tenha uma dinâmica própria, uma vida própria, que esteja acima do novo dirigente ou da administração do município ou do estado.

No município de Goiás-GO, isto que foi apresentado por Arroyo esteve a um passo de se concretizar e, podemos afirmar que não se concretizou devido a luta dos funcionários e dos alunos para que a escola continuasse em funcionamento. Logo após o processo eleitoral, houve atraso de salário, corte do transporte dos professores e dos alunos, estando prejudicados por todo o restante do final do ano de 2012, entre outros problemas, que poderiam ter sido determinantes para o fechamento de mais uma escola do campo brasileira, como certamente aconteceu e acontece com tantas outras.

Todavia, ainda que as condições fossem desfavoráveis ao funcionamento da escola, ela se manteve ativa, com alunos e funcionários lutando, dia-a-dia, por uma Educação do Campo. Neste contexto, pensamos a Educação do Campo, a partir de Arroyo (2005), que nos revela que a visão que temos que ter das Escolas do Campo, é que estas escolas não podem estar fadadas à boa vontade do governante municipal. De acordo com Arroyo (2005, p.2) “o foco principal tem que ser construirmos esse sistema; enquanto esse sistema for frágil, a escola será frágil, vocês serão frágeis, e qualquer política de Educação do Campo será frágil”. As escolas no campo, portanto, deve ser vistas sob outras perspectivas e, acima de tudo, sob um olhar que ultrapasse as dificuldades impostas pelos governantes.

Por uma Educação do Campo: proposta de intervenção na Escola Terezinha

A proposta de realização do estágio na Escola Terezinha surge a partir da vontade de dar sequência a um contato feito anteriormente, mediante uma parceria estabelecida entre as escolas do campo do município de Goiás-GO e o Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo

da UEG/UnU Goiás-GO, sob coordenação do Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza, e onde nos encontramos na condição de bolsistas, com exceção ao Prof. Alexander, que se encontra na condição de orientador da disciplina de Prática Docente. Neste contexto, ao longo deste ano, realizamos diversas leituras sobre Educação do Campo, para que fosse desenvolvido o projeto de estágio e para que pudessemos realizar as devidas intervenções na Escola Terezinha.

Desta forma, destacamos a Educação do Campo enquanto um processo de luta por igualdade, por inclusão, por transformação de uma determinada realidade que, neste caso é a realidade de crianças e jovens excluídos pelos achismos de que a cidade é o lugar do progresso e o campo é o lugar do atraso e que, portanto, são obrigados a estudar em escolas situadas no campo, mas com conteúdos didáticos urbanos.

Nesta perspectiva, julgamos necessária a promoção de novos conteúdos e novas metodologias para trabalhar as escolas do campo. E estes novos conteúdos tornam-se condição *sine qua non* para a construção de uma escola que seja no campo, mas que seja voltada para o campo, o que por consequência a torna então, uma escola do campo. De acordo Nascimento (2004, p. 1).

A ideia de uma educação básica do campo é a busca por uma educação específica para o campo por meio de novos conteúdos e uma metodologia pedagógica diferenciada a partir da realidade e dos anseios de cada localidade, daí a importância da participação dos atores/as na construção dessa educação formal que não descaracteriza a importância da educação não formal [...].

Tomamos a Educação do Campo não como um privilégio, mas como um direito que deveria ser estabelecido e respeitado pelos governantes. Segundo Caldart (2004)

[...] a luta é por uma educação no e do Campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação resultante das reivindicações dos processos formativos, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

Nesta perspectiva, pensar a Educação do Campo é pensar um processo de inclusão das especificidades do campo e das distintas realidades o compõem. Para Mançano e

Molina (2004, p. 10) “A Educação do Campo pensa o campo e sua gente, seu modo de vida, de organização do trabalho e do espaço geográfico, de sua organização política e de suas identidades culturais, suas festas e seus conflitos”. Desta forma, torna-se necessário repensar os conteúdos de Geografia que serão lecionados nas Escolas do Campo, visando proporcionar maior contato dos alunos do campo com sua realidade.

Nesta perspectiva, Callai (2001, p.141) nos afirma que deve ser estabelecida uma relação do indivíduo com o seu meio e que esta relação deve ser incorporada aos conteúdos de Geografia.

A relação do indivíduo com o seu meio, a compreensão do espaço construído no cotidiano, os microespaços que são os territórios do indivíduo, da família, da escola, dos amigos, devem ser incorporados aos conteúdos formais que as listas de Geografia contém. Estes aspectos poderão permitir que se faça a ligação da vida real concreta com as demais informações e análises.

Aos professores, cabe a tarefa de fazer com que os conteúdos ensinados façam parte do cotidiano do aluno. Em outras palavras, Pereira (2012) nos afirma que o conteúdo de geografia deve dialogar com a espacialidade do aluno.

Utilizando como base para o estágio estas breves ponderações, fizemos algumas análises dos conteúdos dos livros didáticos de geografia, com o intuito de utilizar aquilo que fosse necessário e de buscar promover conteúdos e/ou exemplos que se fizessem mais próximos da realidade dos alunos da Escola Terezinha.

Uma parte considerável dos alunos desta escola são filhos de assentados, o que nos permitiu diversificar a metodologia de ensino, no sentido de utilizar de recursos que fossem voltados à realidade do campo. Nesta perspectiva, por algumas vezes exibimos filmes que aproximassem a realidade dos alunos com outras realidades. Um exemplo disso foi a exibição do filme “*Terra Para Rose*”, que retrata a história do primeiro assentamento do Rio Grande do Sul e da luta camponesa pela posse da terra. A exibição deste filme proporcionou um debate muito interessante à respeito dos assentamentos e foi muito significativo para aqueles que eram filhos de assentados e também para os que não eram. Utilizando ainda desse processo metodológico, exibimos o filme produzido por Silvio Tendler para a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, denominado “*O Veneno Está Na Mesa*”, e que também foi muito produtivo para o debate com os alunos, uma vez que os alunos, filhos de camponeses,

têm contato direto com a produção de alimentos e, saber dos perigos e dos impactos ambientais, sociais e até culturais causados pelos agrotóxicos, indubitavelmente, torna-se muito importante.

Durante o período em que ministramos as aulas, utilizamos muito dos conteúdos sobre o Cerrado. E sempre que o conteúdo a ser lecionado fosse de outros locais, o correlacionávamos com o Cerrado, ou com o estado de Goiás e/ou com o município de Goiás-GO. Um exemplo disso foi o estudo sobre a região amazônica, no qual relacionamos as chuvas do Centro-Oeste com a floresta e, neste sentido, demonstrar a necessidade da preservação. Neste mesmo contexto, englobamos até mesmo o código florestal, que caminha para o lado contrário da preservação ambiental.

Em outra experiência, quando houve um conteúdo sobre a Europa, sobretudo, sobre a economia européia e os processos de globalização, buscamos relacionar este aspecto com a Super Frango de Itaberaí-GO (município vizinho), que exporta frango e detém uma mão-de-obra, inclusive de trabalhadores de Goiás-GO, e até mesmo buscando saber se a família de algum dos alunos produzia ou conhecia alguém que produzia frango para vender para a Super Frango e dela para o Brasil e para Europa, entre outros países do mundo.

Considerações Finais

Realizar o processo educacional escolar, quando este é contra-hegemônico e realizado em uma Escola do Campo, não foi uma tarefa fácil e exigiu muita disciplina, dedicação, tempo, paciência. O Estado não realiza investimentos nas Escolas do Campo, deixando-as sob a guarda das prefeituras, que apenas as mantém em funcionamento. Entretanto, mesmo em meio a inúmeros problemas, as escolas do campo continuam a existir. Mesmo com todos os problemas estruturais que certamente inúmeras escolas do campo brasileiras, elas se fazem vivas no campo e continuam, desta forma, promovendo um processo de resistência.

A realização do estágio na Escola Terezinha de Jesus Rocha durante o ano de 2012 foi marcado pela vivência, ao longo de um ano, com uma realidade distinta daquela que estamos acostumados a ver nas escolas urbanas.

Durante o período deparamos com a falta de conteúdos nos livros didáticos de Geografia que fosse mais próximo à realidade dos alunos da Escola Terezinha, assim como houve os problemas políticos que surgiram no município a partir de meados do segundo

semestre daquele ano. Este problema com a prefeitura do município, inclusive, inviabilizou a aplicação integral do estágio, devido ao fato de que por vários dias não houve aula e, posteriormente, o transporte ficou prejudicado. Entretanto, os problemas com a falta de conteúdos nos livros didáticos eram superados à medida que as aulas iam acontecendo, com os diálogos e com os exemplos que surgiam. Quanto aos demais problemas, estes também eram superados.

Por fim, a realização do estágio na Escola Terezinha foi, sem dúvida, uma experiência única. A qual tivemos a oportunidade de vivenciar os problemas e a busca pela superação diária destes problemas. E podemos dizer que o elemento de maior relevância do processo de realização do estágio supervisionado foi poder aprender com os alunos, aquilo que eles também tinham para ensinar. Foi um período em que tivemos a oportunidade de participar intensamente de processo de ensino-aprendizagem na educação básica.

Referências

- ARROYO, Miguel. **Formação de Educadores e Educadoras do Campo**. Brasília, DF, 2005.
- CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO M., CALDART, R. & MOLINA, M. (orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- CALLAI, Helena C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? In: **Terra Livre**. Ano 14, n. 16, 1 semestre 2001, p. 133-152
- MANÇANO, Bernardo M.; MOLINA, Mônica C. *O Campo da Educação do Campo*. In: MOLINA, Mônica C.; JESUS, Sonia M. S. A. de. (Orgs) **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF, Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.
- NASCIMENTO, C. G. Educação, Cidadania e Políticas Sociais: a luta pela educação básica do campo em Goiás. *Revista Iberoamericana de Educación*, 2004.
- O Veneno Está Na Mesa. Direção: Silvio Tendler. Brasil: Caliban Produções Cinematográficas, 2011.

PEREIRA, Marcelo Garrido. O imperativo situacional do ensino de geografia: em busca do lugar negado e do território perdido. In: CASTELLAR, S. M. V.; CAVALCANTI, L. S.; CALLAI, H. C. (org.). Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos. São Paulo: Xamã, 2012, p.173-186.

TERRA para Rose. Direção: Tetê Moraes. Brasil: Vemver Brasil e Embrasilme, 1987. DVD.